

Nem tão longe...

Daniela de Sousa Costa

Em “Empresas em redes, riscos também” (blog Dia a Dia, Bite a Bite , 2014), Silvio Meira discorre acerca da postura adotada por empresas de todo o mundo perante a um novo cenário criado pelo surgimento dos sistemas em rede e que no qual estas têm assumido uma posição de vulnerabilidade considerável.

Ao comentar sobre as inovações ocorridas nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), o autor defende a extrema importância que teriam os sistemas em rede para o sucesso de qualquer tipo e porte de empresa. Tal dependência acarretaria a necessidade dessas organizações de adentrarem cada vez mais no espaço cibernético, o que as faria alvos mais passíveis de ataques digitais.

Essa falta de segurança instiga, possivelmente, o leitor a esperar pela resposta que as empresas supostamente forneceriam, por exemplo, uma lista de novas táticas e tecnologias a serem implantadas a fim de diminuir-se a atual fragilidade. Mas, todas as expectativas positivas são fortemente atacadas quando Silvio traz à tona o relatório feito pela McKinsey [Risk and Responsibility in a Hyperconnected world: Implications for Enterprises, 2014] o qual revela empresas que, embora apresentem altos investimentos no setor de segurança digital, ainda não conseguiram um nível desejável de defesa. Das empresas analisadas, o grau de segurança cibernética encontrado ficou entre incipiente [34%] e em desenvolvimento [60%].

No entanto, o que mais pareceu convencer o autor da impossibilidade de termos (pelo menos durante um bom tempo) organizações totalmente em rede, provém de um gráfico criado a partir de médias fornecidas por executivos de TICs em relação aos impactos proporcionados por determinadas ações na redução do risco associado a ataques cibernéticos. A primeira ação proposta (e uma das mais recomendadas por especialistas da área) ressaltava a importância de identificar-se qual informação é de extrema relevância para os negócios, quais partes desta deviam estar em rede e quais seriam os riscos associados, facilitando, assim, a criação de níveis de proteção adequados para cada parte. Mesmo sendo evidente o grande benefício que essa ação podia trazer, um C- foi sua média. E após perceber a mesma incoerência em outras médias, Meire acaba por concluir que estamos longe de termos empresas verdadeiramente em rede.

Entretanto, defender esse ponto de vista pode significar a subestimação da rapidez com que agem as quebras de paradigmas na área computacional. Talvez a computação em nuvem seja um dos maiores exemplos de que ideias inicialmente taxadas de “improváveis” ou de “difícil aplicação” podem surpreender pela sua considerável taxa de aceitação no mercado. Há alguns anos atrás, um dos principais receios dos executivos em relação ao Cloud Computing era a falta de segurança. Atualmente, um levantamento feito pela IBM em parceria com o instituto de pesquisa Economist Intelligence Unit mostra que o número de empresas que utilizará a computação em nuvem dobrará até 2015, o que nos leva a concluir que esta é uma questão que vem sendo superada.